

O SACO DO POBRE

ANTÔNIO JESUS CUNHA



Tecton de Nuvens

Introdução

Um dos maiores pecados sociais é a indiferença, geradora de inúmeras formas de pobreza. Para combater este pesadelo, que anualmente mata milhões de pessoas, é necessário dar verdadeiro sentido à vida, pondo em prática este ensinamento de São Pedro: “Como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu. Se alguém tomar a palavra, que seja para transmitir palavras de Deus; se alguém exerce um ministério, faça-o com a força que Deus lhe concede, para que em todas as coisas Deus seja glorificado por Jesus Cristo”.

O primeiro passo tem a ver com a necessidade de cada um ser misericordioso consigo próprio, de ser capaz de um verdadeiro momento de reconciliação, eliminando de vez a velha atitude: “Que tenho eu a ver com isso? O Governo é que tem obrigação e competência para resolver os problemas sociais”. O segundo passo é colocar-se no lugar de quem tem graves problemas de sobrevivência: estar desempregado, não ter dinheiro, viver na rua por falta de habitação, sofrer de solidão, etc. O terceiro passo é ganhar consciência do dever de solidariedade, fazendo o propósito de não “passar à frente” perante as necessidades dos pobres, dos que não têm família e sofrem de solidão, dos desempregados, dos que moram na rua, dos que perderam a esperança.

Na bula “*Misericordiae Vultus*” de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (8 de dezembro de

2015 a 20 de novembro de 2016), o Papa Francisco exorta à “experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo actual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou...”.

Estas palavras do Papa Francisco traduzem milhares de realidades vividas por pessoas que são autenticamente devoradas na voragem do mais cruel pecado social dos nossos dias que é a indiferença. Estas palavras do Papa Francisco ficarão muito para além do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: “Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença...”.

Uma tragédia da humanidade

Uma das grandes tragédias da humanidade do século XX foi, sem dúvida, a II Guerra Mundial (1939-1945), que envolveu a maioria das nações do mundo. Esta guerra, considerada a mais letal da história da humanidade, causou setenta milhões de mortes. Na Europa, em particular, foram muitas as cidades destruídas. Os poucos países não envolvidos diretamente (Portugal é um exemplo) sofreram também as terríveis consequências, nomeadamente a falta de meios de subsistência. Em 1945, terminou a II Guerra Mundial com a derrota das potências do Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Os principais envolvidos dedicaram toda sua capacidade económica, industrial e científica a serviço desta guerra. O Povo Judeu foi violentamente massacrado. Os alinhamentos geopolíticos e a estrutura social foram profundamente alterados.

Os anos da guerra e os que se lhes seguiram geraram fome, sofrimento e incerteza em relação ao futuro. Para avivar algumas memórias desses tempos particularmente difíceis, com base em acontecimentos reais, passo a partilhar uma história (verídica), cujos protagonistas conheci quando era criança.

A Segunda Guerra Mundial deu origem a uma situação muito difícil em todo o mundo. Em Portugal, havia pouco dinheiro. A comida era escassa e tinha que ser

Como é possível?

O Moisés, certo ano, por altura do Natal, aceitou passar uns dias em casa do João na grande cidade do Porto. No fim do jantar, o João convidou-o a dar um passeio pelas ruas próximas. Estava muito frio, mas não chovia.

O Moisés, a certa altura, parou e, visivelmente indignado, quase gritou:

- Como é possível? Estas pessoas dormem, com este frio, na rua, cobertos com jornais?

O João ia responder, quando uma das pessoas que se preparava para se deitar o reconheceu. Aproximou-se e confidenciou:

- Sabe, doutor, estou a tentar convencer estes meus amigos a irem viver para a minha casa. Mas não está a ser fácil. Venho aqui diariamente passar com eles algum tempo. Trago-lhes uma sopa quente.

No regresso a casa, contou ao Moisés porque é que conhecia aquela pessoa que também vivera na rua durante vários anos. Com alguma emoção, explicou como se envolvera na ajuda às pessoas que vivem na rua, com o contributo decisivo de um dos seus filhos.

Umás sandálias de Natal

Faltavam poucos dias para o Natal. O vento soprava rajadas de frio que trespassavam os melhores agasalhos. Chapéus de chuva aos donos causavam inúmeros

Conclusão

Responsabilidade pelo bem comum

O Papa Francisco tem razão quando afirma na Encíclica “Laudato si” que a chave para um desenvolvimento autêntico é “o amor pelo bem integral, inseparável do amor pela verdade”. Um dos apelos mais veementes do documento deveria ser levado a sério pelos empresários cristãos, pelas organizações ligadas à Igreja, pela própria Igreja:

“Hoje, mais do que nunca, todos somos chamados a vigiar como sentinelas da vida boa e a tornarmo-nos intérpretes de um novo protagonismo social, marcando a nossa ação na busca do bem comum e baseando-a nos sólidos princípios da solidariedade e da subsidiariedade”.

Na parte final do documento lê-se:

“Cada gesto da nossa liberdade, mesmo que possa parecer frágil e insignificante, se verdadeiramente orientado para o bem autêntico, apoia-se Naquele que é o Senhor bom da história, e torna-se parte de uma positividade que supera as nossas pobres forças, unindo indissolivelmente todos os atos de boa vontade em uma rede que liga céu e terra, verdadeiro instrumento de humanização do homem e do mundo. É disto que precisamos para viver bem e para nutrir uma esperança que seja à altura da nossa dignidade de pessoas humanas”.

Não podemos esquecer que, segundo um relatório da ONU publicado no dia sete de outubro de 2020, o

aumento de situações de pobreza cresce de forma assustadora:

“Até 2021, 150 milhões de pessoas devem cair na extrema pobreza devido à Covid-19, recessão, conflitos e mudanças climáticas” e outros problemas já conhecidos. Os países com economias de médio rendimento terão 82% dos novos pobres do mundo. Também o Banco Mundial, na mesma altura, tornou público que, em 2020, “a extrema pobreza global deverá aumentar pela primeira vez em mais de duas décadas. Além disso, até 2021, a Covid-19 e a recessão global podem fazer com que até 150 milhões de pessoas caiam na pobreza extrema. Isso representa cerca de 1,4% da população mundial”.

A propósito do Dia Mundial para Erradicação da Pobreza, celebrado em 17 de outubro, um estudo revela que “a atual pandemia Covid-19, que surgiu no início de 2020, não é a única responsável pelo agravamento da situação: o relatório aponta os conflitos e as mudanças climáticas como fatores importantes. Antes da pandemia, precisamente por causa dos conflitos globais e das mudanças no clima, o progresso na redução da pobreza global já estava mais lento. Entre 1990 e 2015, por exemplo, a pobreza global caiu cerca de um ponto percentual por ano. Esse ritmo diminuiu para menos de meio ponto percentual por ano entre 2015 e 2017”. Adianta o estudo: “Ainda assim, se não fosse a Covid-19, a taxa de pobreza provavelmente teria caído para 7,9% em 2020. Com a pandemia, ficará entre 9,1% e 9,4% da população global, semelhante ao registado em 2017”.

Dedico este livro a Sua Santidade o Papa Francisco e a todas as pessoas que se comprometem, mesmo com gestos muito simples, na urgente tarefa de erradicar a pobreza. Nenhuma pessoa de boa vontade pode ignorar que, apesar dos direitos consagrados na Constituição da República, as diferenças sociais não param de se agravar em Portugal. Os baixos salários, os impostos demasiado altos, são a origem do elevadíssimo número de pobres em Portugal. Há milhares de pessoas a viver na rua. Muitos outros milhares vivem em outras ruas, não menos cruéis, chamadas “pobreza encoberta”, “solidão”, “carência de afectos”, “vidas adiadas, sem esperança, sem horizontes”.

Torna-se muito urgente que surjam políticos disponíveis para reconhecer que o exercício do poder não pode deixar ser serviço às pessoas. O que alguns especialistas chamam de “governance” tem que ser normativo para quem detém o poder.

Os cidadãos devem estar atentos quando são chamados a votar, de modo que sejam eleitos os que governem para as pessoas, e não em função dos défices e das estatísticas. Os vencedores das eleições não têm o direito de ignorar as opiniões dos menos votados. Em todos os quadrantes políticos há valores, que devem ser aproveitados.

A formação de governos deve ter sempre em conta o serviço aos cidadãos e não as subjetividades de ser da “esquerda” ou da “direita”.

A todos os que sentem como seu o problema dos pobres convido a, de vez em quando, ler ou meditar

este poema do rei David (Salmo 34/33, salmo individual de ação de graças).

Em todo o tempo, bendirei o Senhor;
o seu louvor estará sempre nos meus lábios
A minha alma gloria-se no Senhor!
Que os humildes saibam e se alegrem.
Enaltecei comigo o Senhor;
exaltemos juntos o seu nome.
Procurei o Senhor e Ele respondeu-me,
livrou-me de todos os meus temores.
Aqueles que o contemplam ficam radiantes,
não ficarão de semblante abatido.
Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o
e liberta-o das suas angústias.
O anjo do Senhor protege os que o temem
e livra-os do perigo.
Saboreai e vede como o Senhor é bom;
feliz o homem que nele confia!
Temei o Senhor, vós que lhe estais consagrados,
pois nada falta aos que o temem.
Os ricos empobrecem e passam fome,
mas aos que procuram o Senhor nenhum bem há-de
faltar.
Vinde, meus filhos, escutai-me:
vou ensinar-vos o temor do Senhor.
Qual é o homem que não ama a vida
e não deseja longos dias de prosperidade?
Nesse caso, guarda a tua língua do mal
e os teus lábios das palavras mentirosas.

Índice

Introdução	7
AVIVAR MEMÓRIAS	9
Uma tragédia da humanidade	11
Experiências que deixaram marcas	14
VIVER NA RUA	19
Como é possível?	21
Impacto desta história	23
O dom e ser pobre: “ganha-se sempre o que se dá”	24
“Ser ternura e proximidade	26
Pobres de pobres...	27
O amor pelo bem comum	29
“Explorar o trabalhador é pecado mortal”	31
“Um coração frio”	32
Sandálias de chumbo	34
“A indiferença mata”	35
Preocupação pelo bem comum	37
Dia da Rejeição da Miséria	38
O despejo	39
As pessoas de quem eu gosto	41
O GRITO DO POBRE	43
Dia Mundial dos Pobres	45
Um grito que chega a Deus mas não aos nossos ouvidos	46
Crianças pobres	48
Deixa-me chamar-te o meu nome	50
MÃOS À OBRA	51
A lição do aspirador avariado	53
Não esqueças o que nunca esqueces	55
Um pobre entre pobres	59
Desconhecia a maldade do mundo	60
O conforto que resulta do perdão	62
O SACO	65
“Pobres sempre os tereis”	67
Fazer um levantamento da realidade	67
Pobreza encoberta	68
Encontrar soluções	69
A história de um grão de trigo	70
Na tua mesa de Natal	71
Bendito sejas, meu Senhor	72

“Não tirem Jesus do Natal”	73
A PARTIDA DO JOÃO	75
Uma vida doada aos outros	77
Um conto de férias	77
Gratidão, caminho para a fé	80
Nas Tuas mãos	82
Amar com amor de Mãe	84
Obrigado!	87
CONTINUAR SEM O JOÃO	89
Como continuar sem o João	91
Algemas do silêncio	91
Como viver sem ti	92
Caminha comigo	93
Espinhos da vida	93
Mais entusiasmo para continuar	94
Ser misericórdia	94
Misericórdia conjugal	95
Como me dói a tua ausência	96
Feito de pedacinhos	98
O trabalho a favor dos outros	99
Partir ao encontro do João	100
Conclusão	103
DEDICATÓRIA	105
Autor	111
Índice	113